

A IMPORTÂNCIA DO MÉTODO CIENTÍFICO DE MARX*The Importance of Marx's Scientific Method*Ivo Tonet ¹**RESUMO**

Esse texto tem por objetivo defender a ideia de que, ao responder aos interesses mais essenciais da classe trabalhadora, Marx elaborou os fundamentos do método científico mais elevado que a humanidade já construiu. Esse método, por sua vez, está intimamente articulado com a transformação radical da sociedade. Por isso mesmo, a apropriação desse método por todos aqueles que querem contribuir para essa transformação é de fundamental importância.

Palavras-chave: Método. Ciência. Classe Trabalhadora. Marx.

ABSTRACT

This text aims to defend the idea that, in responding to the most essential interests of the working class, Marx created the foundations of the highest scientific method that humanity has ever built. This method, in turn, is closely linked to the radical transformation of society. For this very reason, the appropriation of this method by all those who want to contribute to this transformation is of fundamental importance.

Keywords: Method. Science. Working class. Marx.

¹ Universidade Federal de Alagoas – UFAL.

Introdução

É inegável que a humanidade está enfrentando uma crise de gravíssimas proporções. Crise essa, cujos efeitos mais perversos recaem sobre os ombros dos trabalhadores. Mais do que nunca, diante dessas graves consequências, dos ataques ao pensamento crítico e à ciência, do rebaixamento das perspectivas para a humanidade, cresce a importância do método científico, isto é, do caminho para conhecer verdadeiramente a realidade. Afinal, o conhecimento verdadeiro é uma mediação absolutamente indispensável para a transformação da realidade. Mais ainda quando se trata de transformá-la em sua totalidade e de modo radical e quando se enfrentam adversários poderosos e de toda ordem, que se opõem a essa transformação.

Quando, então, se trata de atender as demandas mais essenciais da classe trabalhadora, o método para conhecer a realidade social, cujos fundamentos foram elaborados por K. Marx, assume uma importância ainda mais fundamental. Buscaremos, em seguida, entender o porquê dessa importância.

Marx e as Demandas Teóricas da Classe Trabalhadora

Partimos do pressuposto de que as classes sociais, a partir da sua existência, são o sujeito fundamental não apenas da história, mas também do conhecimento. Afirmar isso não significa desconhecer ou menosprezar a importância do papel exercido pelos indivíduos em ambos os processos. Todavia, mesmo quando, por suas qualidades excepcionais, indivíduos desempenham um papel de relevante importância, eles estão respondendo, consciente ou inconscientemente, a demandas que brotam da natureza das classes sociais.

Que as classes sociais sejam o sujeito fundamental da história, é razoavelmente fácil de entender e até de aceitar. Como Marx observa, não foi ele que descobriu esse fato. Antes dele, vários pensadores burgueses, antes da revolução francesa, já haviam feito referência à existência das classes sociais e às lutas entre elas. Que as classes também tenham esse papel no processo de conhecimento, é verdadeiro, mas não tão fácil de compreender. Se compreendermos, porém, que a luta entre as classes não se dá apenas no terreno econômico, mas também nos campos político e ideológico, fica mais fácil entender que o conhecimento da realidade, quer natural, quer social, é

importante para atingir os objetivos que nascem da natureza dessas classes. Afinal, as ideias são poderosas ferramentas para convencer as pessoas a assumirem a luta por determinadas causas.

Por isso mesmo, no presente caso, é importante compreender a relação entre Marx e a classe trabalhadora. Como sabemos, a classe trabalhadora é aquela que produz toda a riqueza material da qual vive o conjunto da sociedade. No entanto, ela é, ao longo do processo, expropriada dessa riqueza pela burguesia. Ora, a apropriação da riqueza, tanto material como também intelectual, é condição indispensável para que os trabalhadores possam se tornar membros plenos do gênero humano. Isso lhes é impedido pelo processo de trabalho assalariado, como está sobejamente demonstrado na obra de Marx.

É, pois, da natureza mesma da classe trabalhadora, pela simples posição que ela ocupa no processo de produção da riqueza material, que emerge seu objetivo mais essencial: a supressão, integral, da forma capitalista de sociabilidade, fundada em um modo trabalho – o trabalho assalariado – que implica, pela sua própria natureza, a exploração e a opressão dos trabalhadores pelos capitalistas. Em continuidade, a sua substituição por uma forma de trabalho comunista, expressa pelo trabalho associado. Essa forma de trabalho deverá fundar uma sociedade livre de toda e qualquer exploração e dominação de um ser humano pelo outro e nela todos os indivíduos poderão ter acesso pleno à riqueza e, ao mesmo tempo, dispor de um grande tempo livre no qual poderão explicitar as suas potencialidades¹. É tarefa histórica da classe trabalhadora levar a cabo essa transformação radical.

Ora, como já vimos, para transformar é preciso conhecer e demonstrar, a partir desse conhecimento, a possibilidade dessa transformação. Essa necessidade se faz ainda maior quando se trata de uma transformação radical e da totalidade do ser social.

Para melhor compreendermos a enorme diferença que medeia entre o método científico moderno, adequado ao atingimento dos objetivos da burguesia, e o método científico elaborado por Marx, vale fazer uma breve referência àquele método, para, em seguida, expor o método científico fundado por Marx em atendimento às demandas da classe trabalhadora.

Toda proposta metodológica implica uma determinada concepção de mundo. A concepção burguesa arranca da afirmação de que o indivíduo precede ontologicamente a sociedade, isto é, que o indivíduo, ao nascer, já traz consigo aquelas qualidades que o caracterizam como ser humano. Fundamentalmente, a liberdade, a racionalidade, a igualdade e o egoísmo (não em sentido moral, mas ontológico). Toda a arquitetura social, que pode ser encontrada, embora com formulações

diversas, nos clássicos do iluminismo, do liberalismo, do jus naturalismo, se ergue a partir desse pressuposto.

É essa natureza, especialmente marcada pelo egoísmo, que dá origem à desigualdade social. O que significa que a desigualdade social, nesse caso, é insuperável pois, como a natureza humana não é produto dos próprios seres humanos, mas um dote natural, sua mudança seria impossível ou implicaria a destruição do próprio ser humano.

Por sua vez, o conhecimento da natureza e da sociedade, o método científico moderno, foi elaborado, ao longo de intensos debates, tendo como pano de fundo aquela concepção de mundo acima exposta. Em resumidas contas, o indivíduo singular, dotado daquela natureza, é o sujeito fundamental do conhecimento. Além disso, o objetivo do conhecimento já não é buscar a essência das coisas, como no método greco-medieval, mas entender como funciona a realidade tendo como ponto de partida os dados empíricos. Daí porque a categoria da totalidade, em sentido ontológico, é eliminada, uma vez que o elemento fundamental da realidade são os dados empíricos, sempre heterogêneos, variados, mutáveis, singulares, etc. Por esse mesmo motivo, também é eliminada a categoria da essência, já que os dados empíricos, que são a única mediação entre a razão e a realidade, não podem ser ultrapassados.

É inegável que esse método propiciou enormes avanços, tanto no conhecimento da natureza quanto da sociedade. Todavia, sua natureza implicava também limitações essenciais e, especialmente no que tange ao conhecimento da sociedade, uma função social claramente voltada para a reprodução da ordem social burguesa.

Ora, o objetivo mais essencial da classe trabalhadora é exatamente o de eliminar toda forma de exploração e de opressão de um ser humano pelo outro, toda forma de desigualdade social. Para poder realizar esse objetivo, a classe trabalhadora necessitaria demonstrar – teoricamente – a sua possibilidade. Isso significaria a demonstração, racional, de que o ser humano não é naturalmente egoísta e de que a totalidade da realidade social, inclusive a natureza humana mais essencial, é integralmente histórica e social, isto é, resultado exclusivo da ação humana ao longo do tempo. Além disso, como a classe trabalhadora quer mudar o mundo todo e não apenas uma parte dele, ela também precisaria de uma teoria que demonstrasse que a realidade social é uma totalidade, isto é, um conjunto de partes articuladas entre si, em permanente movimento, em determinação recíproca, marcada por mediações e contradições e com uma determinada matriz que garante o fio condutor e não um agregado aleatório de diversas partes. Mais ainda, a classe trabalhadora necessitaria de uma

teoria que demonstrasse que a realidade social não é apenas aquilo que é captado imediatamente pelos sentidos, mas um composto de aparência e essência. Do mesmo modo, a classe trabalhadora também precisaria da demonstração de como se dá a relação entre o momento subjetivo e o momento objetivo, possibilitando-lhe, assim, orientar a sua ação prática, de modo a evitar tanto o determinismo como o idealismo. Todas essas demandas podem ser, finalmente, resumidas em uma só pergunta sintetizadora: o que é o ser social? A resposta a todas essas demandas seria absolutamente fundamental para que a classe trabalhadora pudesse garantir que sua ação prática no sentido de uma transformação radical do mundo não fosse apenas um desejo, uma utopia, mas uma possibilidade real.

A resposta de Marx às demandas teóricas da classe trabalhadora

É no intuito de responder a essas demandas da classe trabalhadora que Marx elabora uma concepção de mundo e um padrão científico-filosófico radicalmente novos. A trajetória pessoal e intelectual de Marx nos mostra o percurso dessa elaboração, na medida em que ele foi assumindo a perspectiva da classe trabalhadora. É em algumas obras de juventude e especialmente nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos* de 1844 e em *A Ideologia Alemã* e, mais tarde, em *O Capital* que vamos encontrar esses fundamentos da nova concepção de mundo e do novo padrão científico-filosófico.

Vale enfatizar: a resposta às demandas teóricas essenciais da classe trabalhadora é *conditio sine qua non* para a elaboração do novo método de produzir conhecimento científico. Só na medida em que Marx responde à pergunta: o que é o ser social, nas suas determinações mais gerais e essenciais, é que ele pode sinalizar o caminho para compreender os diversos fenômenos dessa realidade. Vale dizer, com G. Lukács, que uma ontologia do ser social precede e é condição para uma gnosiologia e uma metodologia científica. Especificando mais ainda. A problemática gnosiológica e metodológica é um dos momentos da totalidade social. Desse modo, a função que ela exerce, em seus dois momentos, na reprodução do ser social, só poderia ser conhecida verdadeiramente quando fosse remetida à totalidade. Aprender a matriz dessa totalidade, a partir da qual se constitui toda a realidade social é, pois, imperativo para a compreensão da problemática epistemológica e metodológica. A identificação dessa matriz era, pois, uma tarefa fundamental para a elaboração dessa nova concepção de mundo e desse novo método científico.

A ligação de Marx com a classe trabalhadora e os estudos que daí derivaram o levaram a constatar que a realidade social não tinha como base as elaborações da consciência (subjatividade), mas um solo material (a realidade social objetiva). Da terra – solo material - ao céu e não do céu – mundo das ideias - à terra é que se deveria caminhar. É o que ele e Engels enfatizam em *A Ideologia Alemã*. Ao fazer esse percurso, também constata que o trabalho é a categoria fundante do ser social, pois sem ele o ser humano não existiria e não poderia continuar a se reproduzir. Trabalho, aqui entendido como o conjunto de relações que os seres humanos estabelecem entre si no processo de transformação intencional da natureza para produzir os bens materiais necessários à sua existência. Nesse sentido, o trabalho cria, verdadeiramente, um novo tipo de ser, que já não é natural, embora ainda continue baseado na natureza. Desse modo, trabalho é sempre uma síntese entre o momento subjetivo – consciência – e o momento objetivo – realidade natural. Síntese essa realizada pela prática social. Assim compreendido, o trabalho funda o ser social e, sob alguma forma determinada, sempre será o fundamento de qualquer forma de sociabilidade.

Contudo, o trabalho não esgota o ser social. A partir dele, como exigência imediata ou como resultado da complexificação do ser social, surgem novas dimensões da realidade social, com uma natureza e uma específica função social, voltadas à resolução de problemas que já não podem ser solucionados no âmbito direto do trabalho. Temos, assim, a socialidade, a linguagem, a educação, a arte, a religião, a ciência, a filosofia, o direito, a política, etc. Vale enfatizar que todas essas novas categorias têm uma dependência ontológica em relação ao trabalho, isto é, são fundadas pelo trabalho. Todavia, também têm uma certa autonomia em relação a ele, pois, no que tange à reprodução do ser social, têm uma função diferente do trabalho.

Esse conjunto de constatações permite a Marx demonstrar a radical historicidade e socialidade do ser social, infirmando, assim, as ideias da prioridade ontológica do indivíduo sobre a sociedade e do egoísmo natural. Do mesmo modo, permite-lhe demonstrar o caráter de totalidade do ser social, no sentido acima exposto. Com isso, também pode demonstrar que a realidade social não é feita apenas daquilo que aparece imediatamente, mas também de uma essência, que, sem deixar de ter um caráter de essência, portanto, de algo distinto da aparência, também é resultado da ação humana e, desse modo, histórica e social. E, finalmente, mas não menos importante, também pode demonstrar como se dá a relação entre o momento subjetivo e o momento objetivo, deixando claro tanto o caráter ativo do sujeito quanto o caráter ontologicamente prioritário da realidade objetiva.

Resolvidas essas e outras questões de caráter filosófico-ontológico pode, então, Marx abordar as questões gerais relativas ao conhecimento – a possibilidade do conhecimento, a natureza da realidade, a natureza do sujeito do conhecimento e da relação entre sujeito e objeto, a natureza da verdade, a relação do conhecimento com a prática social, etc. – e as questões específicas relativas ao método científico, isto é, ao caminho a ser seguido na produção de um conhecimento científico, quer dizer, verdadeiro.

Como se pode ver, há, em Marx, uma ruptura profunda com o método científico moderno. Não no sentido de menosprezá-lo ou fazer dele *tabula rasa*, mas, no genuíno sentido da *aufhebung* preconizada por Hegel (superação, conservação e transformação em algo novo). Sabemos que o método científico moderno já havia, por sua vez, realizado uma ruptura com a problemática metodológica elaborada pelos gregos e assumida pelos autores medievais. Esta tinha uma impostação ontológica, isto é, iniciava por responder à pergunta: o que é o ser (em geral). Após ter respondido a essa pergunta é que se debruçava sobre as questões gnosiológicas e metodológicas. Sabemos que a elaboração greco-medieval tinha como pedra angular a ideia de que a verdadeira realidade não residia na aparência, mas na essência e que esta era imutável. Os pensadores modernos descartam a ideia da existência de qualquer tipo de essência, declarando ou que esta não existia ou que, mesmo existindo, não seria captável, já que a única mediação entre a consciência e a realidade externa seria estabelecida pelos sentidos. Também descartam a ideia de que a realidade seja uma totalidade em si, uma vez que os dados empíricos – heterogêneos, parciais, mutáveis, sempre singulares – não podem constituir uma totalidade. Por isso mesmo, quem articula esses dados em uma totalidade é o sujeito. Desse modo, a impostação do método científico moderno é de natureza claramente gnosiológica, isto é, seu eixo está no sujeito e não no objeto. Essa centralidade do sujeito é claramente expressa por Kant quando afirma que nós não podemos conhecer o *númeno* – a essência – mas apenas o fenômeno – a aparência das coisas.

Marx resgata e fundamenta a ideia da existência da essência. Todavia, como tudo é histórico e social, a essência também não é imutável, mas integralmente histórica e social.

Diferentemente do que é preconizado pelo método científico moderno, para o qual a realidade social é apenas parcialmente histórica e social, pois a essência humana é a-histórica e a-social, para Marx, ela é integralmente histórica e social. Também diferentemente do método científico moderno, que abre mão da categoria da totalidade para fundamentar-se na fragmentação dos dados empíricos, para Marx essa categoria, cuja natureza, como vimos, é de caráter ontológico,

é a pedra angular do método científico. Diversamente, também, do método científico moderno, o qual tem como característica a apreensão prévia de um conjunto de procedimentos e normas para serem, depois, aplicados, o método instaurado por Marx incita a buscar e a reproduzir teoricamente a lógica própria de cada objeto. Essa busca, por sua vez, deverá ser orientada por aquelas determinações gerais do ser social que expusemos acima. Trata-se, pois, para Marx, não de construir teoricamente um objeto, como é preconizado pelo método científico moderno, mas de reconstruir teoricamente o processo histórico e social que deu origem a determinado objeto. Ao realizar essa reconstrução, é sempre necessário levar em conta que cada objeto é parte de uma totalidade maior, de modo que nenhum deles pode ser compreendido sem que, com todas as mediações necessárias, seja remetido a essa totalidade. Do mesmo modo, também se faz necessário atentar para o fato de que todo objeto é sempre uma síntese entre aparência e essência e que a busca dessa última, desmistificando a aparência quando esta estiver fetichizada, é o verdadeiro objetivo do conhecimento científico.

Esse método – histórico-dialético – é o padrão de conhecimento mais elevado que a humanidade já produziu. Isto porque, respondendo aos interesses fundamentais da classe trabalhadora, ele é o que melhor permite compreender a realidade social como ela é em si mesma, fundamentando, dessa forma, a possibilidade e a necessidade de uma transformação radical da sociedade. Vê-se, aqui, claramente, que a busca da verdade não pode depender apenas e nem principalmente, da boa intenção e do rigor do sujeito. Para além disso, e como elemento fundamental, encontra-se a perspectiva de classe. Certamente, a disposição, pelo sujeito, de buscar a verdade, é uma qualidade indispensável. Todavia, é sempre preciso perguntar a quem interessa a verdade e que grau de verdade interessa a quem? Isso deixa claro que a perspectiva de classe tem um peso maior na resolução das questões relativas ao conhecimento. No caso em tela, fica claro que, entre a perspectiva da classe burguesa, cujos objetivos essenciais são, necessariamente, particulares e a perspectiva da classe trabalhadora, cujos objetivos maiores têm um caráter efetivamente universal e apontam para uma forma de sociabilidade onde todos os indivíduos possam se realizar plenamente como membros do gênero humano, esta última é, inegavelmente, superior em termos gnosiológicos, epistemológicos e éticos.

Diante dessa constatação, alguém poderia perguntar: se este é o melhor método para conhecer a realidade, por que ele é tão desconhecido e/ou tão deformado? Para compreender isso é preciso voltar à concepção burguesa de sociedade a que aludimos acima. Vimos que, para os

pensadores burgueses, a sociedade é composta por indivíduos, com aquela natureza prévia. Disso resulta que a sociedade é a soma das relações desses indivíduos. Há, pois, uma passagem, sem mediações significativas, entre o indivíduo (singular) e a comunidade (universal). Daí porque o sujeito do conhecimento é o indivíduo singular e a destinação do conhecimento tem como fim os interesses gerais da sociedade. Nessa concepção, é eliminado um elemento essencial de todo o processo: as classes sociais e suas consequências.

Na concepção marxiana, ao contrário, a sociedade é, sim, composta por indivíduos singulares. Todavia, esses têm uma natureza histórica e socialmente produzida, e não de caráter natural. Além disso, em determinado momento da história, esses indivíduos se dividiram em classes sociais e essas passaram a ter um peso fundamental na reprodução da sociedade. Desse modo, entre os indivíduos singulares e a totalidade social se interpõe, entre outras, essa mediação das classes sociais como algo absolutamente decisivo. Em consequência disso, como já afirmamos acima, as classes sociais não só são o sujeito fundamental da história, mas também do conhecimento. Ora, como Marx e Engels já apontaram em *A Ideologia Alemã*, as ideias dominantes são sempre as ideias das classes dominantes, pois, embora a dominação tenha seu fundamento nas relações econômicas, também se efetiva nos campos político e ideológico. Desse modo, quanto mais dominantes forem essas classes, maior será seu domínio em todos os campos. Trata-se da famosa luta de classes, desconhecida na elaboração burguesa, mas com profundas incidências na realidade social. Cada classe luta, nos terrenos econômico, político e ideológico para fazer valer os seus interesses. Por sua vez, as classes dominantes fazem de tudo para induzir as classes dominadas a acreditar na sua concepção de sociedade.

Que as ideias dominantes sejam, com altos e baixos, desde que começou a luta entre a classe burguesa e a classe trabalhadora, nos idos do século XIX, e continuem a ser, as ideias da burguesia, não parece haver nenhuma dúvida. Quanto maior for o domínio, econômico, político e ideológico burguês, maior será o combate, direto ou indireto, que os ideólogos burgueses travarão contra a concepção de mundo e o padrão científico-filosófico da classe trabalhadora. Por outro lado, embora a classe trabalhadora tenha obtido, ao longo de todo esse processo de luta entre capital e trabalho, ganhos importantes, também sofreu profundas derrotas, tanto teóricas como práticas, que permitiram a continuidade do sistema capitalista. Tudo isso contribuiu seriamente para a perda e a deformação da concepção de mundo e do padrão científico-filosófico marxianos. O negacionismo atual em relação à ciência, a ampla prevalência do irracionalismo, do ecletismo e do pluralismo

metodológico são expressões teóricas claras dessa derrota sofrida pela classe trabalhadora. Ora, como já enfatizamos, esta concepção de mundo e este padrão científico-filosófico marxianos são ferramentas absolutamente fundamentais para nortear as lutas dos trabalhadores em direção à instauração de uma sociedade comunista.

Em vista disso, nunca se poderá enfatizar demais a importância de retornar a Marx, de apropriar-se, de maneira não talmúdica, mas crítica e rigorosa, do método científico por ele elaborado. Como bem disse Lenin: “Sem teoria revolucionária, não há revolução”. E, sem revolução, não será possível construir uma forma de sociabilidade onde todos os indivíduos possam viver uma vida digna. Ora, é impossível produzir teoria revolucionária sem o domínio do padrão científico-filosófico fundado por Marx.

Referências

- MARX, K. **A Ideologia Alemã**. São Paulo, Expressão Popular, 2009.
- , **A Guerra Civil na França**. São Paulo, Boitempo, 2011.
- TONET, I. Trabalho associado e revolução proletária. In: **Novos Temas**, 2012.
- , Trabalho associado e extinção do Estado. In: **Rebela**, v. 3, 2014.

Leituras Complementares

- CHASIN, J. **Marx: estatuto ontológico e resolução metodológica**. São Paulo, Boitempo, 2009.
- MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Edições 70, 1989.
- _____, **O Capital**, cap. V. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.
- LUKÁCS, G. **Ontologia do ser social**, cap. O Trabalho. São Paulo, Coletivo Veredas, 2018.
- TONET, I. **Método científico: uma abordagem ontológica**. São Paulo, Coletivo Veredas, 2016, Estudar Marx para iniciantes. In: ivotonet.xp3.biz

Recebido em: 14/12/2021

Aceito em: 20/01/2022

Publicado em: 25/01/2022